

Intervenções pedagógicas: no redemoinho do saci

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância do ensino da Arte na Educação Infantil, ao desenvolver atividades com a turma do grupo 4, no CEI Criarte/Ufes, com base no tema: lendas folclóricas. Possibilita uma aproximação com diferentes linguagens artísticas como o desenho, a pintura e a fotografia, bem como amplia o repertório artístico-cultural dos sujeitos envolvidos, por meio do conhecimento sobre o artista capixaba Walter Assis e suas diferentes formas de registros. Utiliza como abordagem metodológica, o diálogo teórico prático a partir da observação e atuação das autoras na sala de atividades, fundamentando-se nos estudos de Góes (2009), Macêdo, Foerste e Chisté (2008) e Tourinho (2011) para pensar as diferentes possibilidades voltadas para o ensino da Arte na Educação Infantil.

Palavras chaves: Educação Infantil. Desenho. Pintura. Fotografia. Ensino da Arte.

Abstract

The present work aims to show the importance of the teaching of Art in Early Child Education, when developing activities with the team of the group 4, in the CEI Criarte/Ufes, based on the theme folkloric legends. It makes possible an approach with different artistic languages such as drawing, painting and photography, as well as enlarging the artistic-cultural repertoire of the subjects involved from by the knowledge about the Capixaba artist Walter Assis and his different forms of records. It uses as a methodological approach the practical theoretical dialogue based on the observation and the performance of the authors in the activity room, based on the studies of Góes (2009), Macêdo, Foerste and Chisté (2008) and Tourinho (2011), to think of the different possibilities aimed to the teaching of Art in Early Childhood Education.

Keywords: Children's education. Drawing. Painting. Photography. Teaching of art.

Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil nos proporcionou momentos de aprendizagem, de contato com o ambiente educacional e, oportunizou momentos de intervenção e convivência com a realidade da Educação Infantil.

O projeto foi realizado entre os meses de agosto e novembro de 2018, com as crianças do grupo 4 - Vespertino no CEI Criarte/Ufes, que funciona dentro do campus da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). O tema, lendas folclóricas para o plano de atividades, foi motivado seguindo a sugestão da professora regente que estava desenvolvendo esta temática com as crianças.

Assim, resolvemos utilizar a obra O Saci, do artista capixaba Walter Assis, para nos inserirmos na proposta já iniciada.

O projeto consistia em apresentar o artista e suas obras, e também, as diferentes formas de registro e materiais artísticos, utilizando possibilidades como o desenho, a pintura e a fotografia, com suas distintas ferramentas e suportes. As atividades para o projeto foram planejadas para serem realizadas em cinco etapas, que serão detalhadas no corpo do artigo.

Nessa perspectiva, após esta parte inicial faremos uma breve revisão de literatura, abordando temas como o desenho, a pintura e a fotografia como projetos na e para as crianças da Educação Infantil.

Em seguida, faremos o relato da nossa experiência a partir da elaboração do plano de atividades dialogando com os autores que nos subsidiaram teoricamente e, em seguida, descreveremos nossas intervenções, vivências e experiências no estágio. Por fim, faremos uma reflexão a partir dessas vivências que nos atravessaram e nos fizeram entrar “no redemoinho do saci”.

O desenho, a pintura e a fotografia como projetos na e para as crianças da Educação Infantil

Entendendo que a infância é um momento oportuno para as crianças usarem sua criatividade, criando mundos de faz-de-conta, inventando histórias e personagens e, ao mesmo tempo, se apropriando do contexto histórico-cultural ao qual pertencem, refletimos que, por meio da Arte, elas podem representar esse mundo imaginário e ao mesmo tempo concreto, externando suas vivências, fantasias, seus sentimentos. Como Góes (2009) nos orienta:

Ao desenhar ao lado de seus pares, a criança tem a possibilidade de inventar e reinventar traços e formas bem como apropriar-se de outros novos. Pode, ainda, extravasar sentimentos, fantasias e também reviver alegrias, conflitos, colocando no papel, ou em outro suporte que tiver à sua disposição, situações em que a realidade se transforma naquilo que ela quer (GOES, 2009, p. 37).

A autora nos provoca a pensar no desenho como atividade artística preferencial da criança e, por isso, torna-se enunciados, formas de dizer da vida e do mundo no qual ela está inserida. Portanto, podemos pensar que o desenho é uma linguagem artística que

[...] funciona como uma brincadeira na qual a criança explora o mundo ao seu redor sem intenção de imitá-lo ou transformá-lo. Por meio do desenho, a criança elabora as suas hipóteses, fazendo novas descobertas, apropriando-se delas e constituindo-se, gradativamente, como sujeito histórico-cultural (GÓES, 2009, p.39).

Dessa forma, o nosso projeto buscou utilizar da brincadeira, do lúdico para oportunizar experiências com diferentes suportes e ferramentas, por meio do desenho, da pintura e fotografia.

Buscamos por meio do ensino da Arte oportunizar meios para que as crianças usassem a criatividade, a imaginação que foi permeada na e pela elaboração de suas narrativas ao desenharem, pintarem e fotografarem. De acordo com Macêdo, Foerste e Chisté (2008):

Em contextos educativos nos quais as crianças pequenas constroem e compartilham a construção de conhecimentos sobre a realidade natural, social e cultural que as cercam, compreende-se a importância de possibilitar espaços da narrativa (MACÊDO, FOERSTE E CHISTÉ, 2008, p.50).

Assim, para fundamentarmos teoricamente o ensino da Arte voltado para crianças pequenas, utilizamos como suporte o livro: “Na Ciranda da Arte Capixaba”, mais especificamente, o capítulo “A criança e a narrativa: Um diálogo com Walter Assis”. Além disso, utilizamos também as imagens de algumas obras do artista, que acompanham o livro.

O livro traz ideias e sugestões de como abordar na Educação Infantil o ensino sobre a obra e história de alguns artistas capixabas, norteando o ensino sobre o artista que constituída o nosso projeto. Desse modo foi possível contar, com uma linguagem apropriada para as crianças, um pouco sobre a história do artista Walter Assis, que usando tinta e pincéis, retratou alguns contos populares, bem como a história do passado do seu povo, e que não deixa de ser a sua própria história.

O artista, por meio de seu trabalho, manteve a preservação dos contos populares, trazendo em suas pinturas a representação do folclore brasileiro, oportunizando as crianças a possibilidade de ver e conhecer essas lendas, e suas obras nos chamam a atenção devido ao uso das cores e seus traços fortes que nos convidam a conhecer mais sobre as histórias representadas através da sua arte.

Destacamos a importância de levar esses trabalhos para sala de atividades e mostrar referências visuais que aproximam as crianças do contexto em que vivem. São referenciais regionais que garantem a valorização da arte local capixaba. Esse tipo de atividade possibilita a criança a pensar o artista como um sujeito concreto, e não como divindade.

Aproximar as crianças da pintura ajuda a desenvolver o conhecimento sobre variados suportes e diferentes maneiras de representar uma história não só por meio da tinta e de pincéis, como também a partir da imagem fotográfica, uma tecnologia tão presente no cotidiano infantil e que também vem repleta de significados e sentidos que precisam ser elaborados, debatidos e explorados ao trabalharmos com as crianças. Como esclarece Tourinho:

As visualidades com as quais convivemos cotidianamente não dependem mais de um tipo de suporte físico específico. Elas ganharam, através das imagens digitais, características especiais como veículo propício para estimular e catalisar expectativas, desejos e sonhos de crianças, jovens e adultos susceptíveis e, de certa forma, vulneráveis às influências do capitalismo cultural eletrônico acionado pelas economias do entretenimento, da experiência e do espetáculo (TOURINHO, 2011, p.6).

Coadunamos com Tourinho (2011) por compreendermos que as crianças são cotidianamente atravessadas, de diferentes formas, por imagens. O que as torna consumidoras de uma linguagem que, na maioria das vezes, interfere e manipula suas experiências sociais, sua forma de ver, de sentir e de agir, portanto, interferindo diretamente na formação de suas subjetividades. Ainda, segundo a autora:

As imagens, como eixo de articulação de significados e sentidos sobre quem somos, como nos vemos, como vemos o outro e como operamos no mundo, são temas a serem debatidos e elaborados com vistas a compreender e explorar seus usos e funções na formação escolar dos indivíduos (TOURINHO, 2011, p.5).

Diante das inquietações ao dialogarmos com esses autores e pensarmos a criança, a imaginação, o desenho, a pintura e a fotografia, elaborarmos o nosso projeto de intervenção, entrelaçadas no redemoinho do Saci.

No redemoinho do Saci: relatos de uma prática de estágio

Nosso primeiro contato com a prática do ensino de/em Arte na Educação Infantil gerou, a princípio, algumas inquietações, um verdadeiro redemoinho, já que seria uma oportunidade de intervir, de aplicar uma atividade e não somente presenciar a vivência do cotidiano escolar.

Assim, surgiram as inquietações: daríamos conta de transmitir um conteúdo de Arte para crianças tão pequenas? Como sermos criativos diante de um espaço ainda desconhecido? Como mediar um conhecimento em Arte em um espaço onde muitas vezes ela só ocupa um papel secundário, onde não há um professor dinamizador licenciado em Artes Visuais? Qual artista usar? Que ferramentas e suportes utilizar? Que conteúdo seria útil para acompanhar um tema já estabelecido pela professora regente?

Além disso, tínhamos o entendimento de que ser professor da Educação Infantil requer atenção sobre vários aspectos importantes que devem ser considerados no momento da atuação docente, pois conforme destaca Sandra Mara da Cunha “[...] um olhar que as enxerga, ouvidos atentos para a escuta, a sutileza do toque, a mão que oferece apoio, falar olhando nos olhos, a musicalidade da voz que fala e entoia canções e acalantos” (CUNHA, 2018, p.239). Nesse

sentido, não basta transmitir um conteúdo para as crianças da/na Educação Infantil, é necessário desenvolver um relacionamento com elas para que se possa mediar os vários processos de aprendizagem.

Tendo isso em mente, foi necessário um tempo para criarmos esse contato, essa proximidade que foi acontecendo aos poucos. As oportunidades de criar amizade e ganhar a confiança das crianças foram surgindo em cada dia do estágio e, em pouco tempo, elas já sabiam nossos nomes, já iam se aproximando e compartilhando suas histórias, abrindo assim possibilidades para mediar o processo ensino aprendizagem.

Passados os momentos iniciais de encontro com a turma, iniciamos o plano de atividades, diante do desafio de seguir o tema, lendas folclóricas, estabelecido pela professora regente. A partir daí, buscamos conteúdos que pudessem somar-se a essa temática e, em conversa com a nossa professora de Estágio Curricular -professora Margarete-, conhecemos a possibilidade de explorar o trabalho do artista Walter Assis.

Com essa definição, foi possível organizar um plano de atividades, no qual procuramos fazer ligação com as lendas folclóricas através da pintura “O Saci” e, ao mesmo tempo, apresentar o artista, suas obras, trabalhar a visualidade com as crianças, a observação, as possibilidades do uso de ferramentas e suportes na representação do Saci e também no registro do cotidiano. Entendendo que o espaço escolar poderia proporcionar várias experiências, como Irene Tourinho exemplifica ao citar:

A escola, então, precisa lidar com as vulnerabilidades e diversidades das experiências do ver e do ser visto, assim como a multiplicidade de sentidos, significados e usos dessa experiência, entendendo-a sempre entrincheirada em nossas subjetividades, identidades, contextos, afetividades e, também, delírios (TOURINHO, 2011, p.10)

Diante dessa compreensão, organizamos as intervenções, que ficaram divididas em cinco momentos. Os ambientes para aplicação das atividades realizadas durante o estágio foram o espaço da sala de atividades da turma e a Sala Multiuso. O tempo disponibilizado para a aplicação das atividades foi de cinquenta minutos, aplicada para um grupo com uma média de 18 crianças.

Iniciamos a primeira atividade relembrando os combinados com as crianças, como: levantar a mão quando quiser falar e esperar a oportunidade; respeitar fazendo silêncio quando o colega estiver falando; prestar atenção na atividade. Depois, seguimos juntos para a Sala Multiuso. Antes de exibirmos o desenho animado, perguntamos se elas conheciam alguma lenda, e, muitas crianças participaram, expondo o que sabiam. Deixamos que elas contassem as

histórias que conheciam. Uma delas, inclusive, afirmou que os índios eram reais e que os pais haviam ganhado de presente um arco e flecha. E isso nos fez recordar, o que Ostetto (2005) menciona:

Como seres sócios-históricos que somos, interagimos com a realidade que nos cerca, somos afetados por relações, imagens, situações, acontecimentos, emoções. Então, nossos repertórios constituídos ao longo da vida, são acionados a cada encontro com o outro – pessoas, lugares, paisagens, obras, objetos, conceitos. É com eles que vamos significando o mundo, fazendo a leitura do que nos rodeia e nos acontece. Quanto maior o repertório, maior a possibilidade de estabelecer diálogo com as “coisas do mundo”, com o mistério da vida. Assim é para arte como para o todo os campos da vida humana (OSTETTO, 2005, p.4-5).

Após essa conversa passamos o vídeo “Lenda do Saci Pererê” – Turma do Folclore¹ e em seguida, quando o desenho animado terminou, conversamos sobre algumas características do Saci e dos demais personagens do desenho (Figura 1).

Figura 1: Sala Multiuso - Apresentação do desenho animado: "Lenda do Saci Pererê" - Turma do Folclore



Fonte: Das autoras

Nesse tempo houve um momento de agitação no comportamento das crianças, impossibilitando a continuação da conversa. Percebemos que elas queriam imitar jeito do Saci se movimentar e pular. Então as ajudamos com o apoio da professora regente do grupo. Ferreira (2004) também fala sobre essa interação:

O brincar é um dos meios de realizar e agir no mundo, não unicamente para as crianças se prepararem para ele, mas, usando-o como um recurso comunicativo, para participarem na vida quotidiana pelas versões da realidade que são feitas na interação social, dando significado às ações. Brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo com uma textura

¹ Produção: Turma do Folclore. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=um1WHr1ejow>>. Acesso em: 01 out. 2018, às 17h15min.

complexa, onde fazer realidade requer negociações do significado, conduzidas pelo corpo e pela linguagem (FERREIRA, 2004, p. 84).

Após a brincadeira de imitar o Saci proposta pelas crianças, voltamos para a sala de atividades e pedimos que fizessem um desenho daquilo que mais haviam gostado do vídeo, utilizando lápis de cor e folha A4 branca (Figura 2 e 3). Nesse tempo íamos conversando sobre as principais características do saci, da floresta e das personagens. Uma criança até desenhou o redemoinho que o Saci fazia, lembrando os detalhes do vídeo que passamos e fazendo-nos refletir sobre esse momento do estágio, no qual nos sentíamos envolvidas por esse “redemoinho imaginário”.

Figuras 2 e 3: Atividade - Desenhar as características do Saci



Fonte: Das autoras

No segundo momento fizemos uma roda com as crianças, mostramos os desenhos que elas produziram na intervenção anterior e conversamos sobre a produção. Depois, apresentamos o artista Walter Assis e mostramos a obra “O Saci”. Falamos que ele havia utilizado tinta sobre papel e refletimos sobre as possibilidades de se fazer pintura sobre diferentes suportes. Nessa atividade, dialogamos com as crianças sobre a diferença entre o lápis, a canetinha e o pincel (Figuras 4 e 5), e nessa perspectiva nos remetemos às autoras Silva, Oliveira, Scarabelli, Costa, Oliveira (2010), quando afirmam que:

Pintar é, antes de tudo, uma arte que deve ser usada também na Educação Infantil como fator de desenvolvimento motor, afetivo e social da criança. Interpretar obras, recriar imagens, pintar por observação são atividades que mostram possibilidades de transformações, de reconstrução, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas, etc (SILVA, OLIVEIRA, SCARABELLI, COSTA, OLIVEIRA 2010, p.99).

Figura 4: Apreciação dos desenhos da aula anterior



Fonte: Das autoras

Figura 5: Apresentação da obra “O Saci”



Fonte: Das autoras

Logo após, sugerimos que fizessem uma atividade, agora utilizando papel e tinta guache. As crianças foram orientadas sobre como deveriam usar o pincel e a tinta. Disponibilizamos algumas cores, que foram dispostas em copinhos descartáveis sobre a mesa para que elas escolhessem as cores e fizessem misturas para que pudessem compor a pintura da maneira delas.

Algumas crianças não se intimidaram com a prática da pintura e preencheram quase o papel todo, pintando a floresta e o Saci (Figuras 6).

Figura 6: Atividade: Pintar o Saci com tinta e pincel



Fonte: Das autoras

Foi um momento interessante, em que todas as crianças participaram, sendo possível notar que algumas formas de representação já estão constituídas no desenho, como por exemplo as cores e as formas do sol e da árvore (Figuras 7 e 8), fazendo-nos refletir sobre as marcas culturais que vão sendo, desde a mais tenra idade, implicadas na produção das crianças, ou seja, é possível observar que alguns padrões estereotipados, como o sol amarelo, a copa da árvore verde e o tronco marrom, são estabelecidos pelas famílias e, muitas vezes reforçados na própria

escola, impossibilitando a criança de se expressar a partir das diferentes cores e formas que a sua imaginação e criatividade possibilitam.

Figura 7: Estereótipos: árvore e sol



Fonte: Das autoras

Figura 8: Estereótipos: árvore e sol



Fonte: Das autoras

No terceiro momento, colocamos as pinturas feitas na intervenção anterior no chão e pedimos que as crianças escolhessem a que mais haviam gostado. De imediato a maioria escolheu a pintura de sua própria autoria e, somente duas crianças escolheram a de algum colega. Em seguida conversamos sobre o motivo da escolha e pedimos que cada uma falasse sobre a pintura (Figura 9). Destacamos como é profícuo esse momento de diálogo e de escuta, pois segundo Góes (2009),

A fala exerce uma função organizadora em relação ao desenho. Durante o momento de elaboração do registro gráfico, a criança apresenta um repertório (não somente de sugestões de temas para serem desenhados como dicas de como realizá-los), que é constantemente socializado entre os sujeitos desenhistas, demonstrando um vocabulário cheio de expressões que representam ora a imaginação, ora a realidade (GÓES, 2009, p.132).

Figura 9: Apreciação do trabalho produzido



Fonte: Das autoras

Contamos um pouco mais sobre a história do artista Walter Assis, mostrando algumas de suas obras. Falamos da importância do registro, e, que existem várias outras maneiras de registrar momentos, paisagens e coisas, uma delas era por meio da fotografia. Como destaca Tourinho (2011):

A proliferação de formas de registro imagético, de máquinas do ver e ser visto – câmeras, vídeos, celulares, mp4, internet, etc., — instituiu formas diversas de interação com imagens que têm ocupado a vivência diária de crianças, jovens e adultos. Estas formas de interação transformaram a relação dos indivíduos consigo mesmos e com o mundo. Transformaram as formas de aprender e ensinar, exigindo a realização de constantes e múltiplas re-descrições e interpretações (TOURINHO, 2011, p.5).

Concordamos com a autora em relação ao fato de que “[...]imagens que têm ocupado a vivência diária de crianças”, pois elas têm acesso a todos esses instrumentos tecnológicos, que são usados, inclusive, para deixá-las quietas, para acalmá-las, o que possibilita uma outra análise, mas que, nos limites deste texto, não discutiremos.

Então, distribuimos alguns gorros de Saci e dividimos a turma em dois grupos, que foram auxiliados por nós (Figuras 10 e 11). Cada criança deveria selecionar três colegas para fotografá-los imitando o Saci.

Figuras 10 e 11: Auxiliando as crianças na atividade de fotografar os amigos



Fonte: Das autoras



Considerando o interesse das crianças por atividades voltadas para a cultura digital, nesse mesmo dia escolhemos três crianças e fizemos uma sequência de fotos para montar uma animação em *Stop-Motion*.

Conversamos com as outras crianças explicando que apresentaríamos depois para elas, a mágica de fazer o Saci desaparecer.

O *Stop-Motion* consiste em uma técnica de animação usada com recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador, na qual se produz uma sequência de dez a doze imagens tiradas de um mesmo ponto, com pequenas diferenças de movimento do corpo, ou uma leve mudança do objeto. Desta forma, há uma simulação de uma animação produzida por meio da ilusão de ótica.

Para montar a animação que faria uma criança desaparecer e uma outra aparecer, selecionamos três crianças e explicamos o passo a passo. Em seguida, posicionamos as crianças em um ponto da sala e fizemos uma sequência de imagens com a dupla “A”. Depois, repetimos a sequência, substituindo somente uma criança, mantendo sempre a que segurava o gorro na sequência das fotos. Os passos se seguiram assim: Em um primeiro momento a dupla “A” deveria ficar posicionada uma ao lado da outra, olhando para frente. A do lado direito deveria abaixar o corpo de forma lenta e, a do lado esquerdo, deveria segurar o gorro numa altura sobre a cabeça da outra. À medida em que a criança do lado direito abaixava o corpo lentamente, havia a mudança também do posicionamento do gorro pela criança do lado esquerdo, seguindo sempre o movimento lento da direita, posicionando o gorro sobre a cabeça da outra (Figuras 12 e 13).

Figuras 12: Atividade: *Stop-Motion*



Fonte: Das autoras

Figuras 13: Atividade: *Stop-Motion*



Fonte: Das autoras

Aos poucos, uma sequência de imagens foi produzida até que o gorro fosse posicionado no chão e não houvesse mais a presença da criança do lado direito. Para sequência final, houve

a troca das crianças, formando a dupla “B”. Dessa vez, as crianças iniciaram a sequência abaixadas, levantando o corpo lentamente, sempre tendo o gorro posicionado sobre a cabeça, sucedendo o movimento do corpo até que estivessem em pé. Ao finalizar a sequência de imagens, utilizamos o *Stop-Motion* para transformar em animação e criar a ilusão do desaparecimento, como se o gorro tivesse a magia de fazer desaparecer uma criança e aparecer outra.

Ao realizarem os registros, principalmente com a fotografia, elas tiveram a oportunidade de observar os colegas e, perceber os movimentos, criando um momento bastante interativo.

Além disso, o uso da tecnologia é uma maneira de podermos desenvolver atividades coletivas e colaborativas com as crianças na sala de atividades. De acordo com Pretto e Pinto (2006, p. 29), “[...] Somos cidadãos e consumidores, emissores e receptores de saber e informação, seres ao mesmo tempo autônomos e conectados em redes, que são a nova forma de coletividade”.

No último momento da intervenção, levamos as crianças para a sala de vídeo. Dessa vez sentamos no chão, bem mais próximo delas (Figura 14). Apresentamos as fotos que elas tiraram e conversamos sobre o que estavam observando. Ao serem perguntadas sobre quem havia feito cada foto, por incrível que pareça elas sabiam exatamente o nome das/os autoras/es, pois a atividade foi realizada em duplas ou trios.

Em um determinado momento, a professora Margarete fez a seguinte pergunta sobre a foto a seguir (Figura 15): “*Se a foto mostrava que a criança estava tirando uma foto, quem tirou a foto dela?*”

Figuras 14: Conversa sobre as atividades



Fonte: Das autoras

Figuras 15: Atividade: fotografar



Fonte: Das autoras

As crianças ficavam bem animadas tentando descobrir quem era o autor, haja vista que nessa foto, o fotógrafo também estava sendo fotografado. Nesse sentido, conseguimos fazer uma reflexão interessante com as crianças, discutindo as diferentes possibilidades de registros.

Ainda na roda, apresentamos também a animação feita com *Stop-Motion*. Sugerimos que as crianças que participaram da animação explicassem como aconteceu o procedimento. Elas demonstraram o passo a passo de como haviam feito e explicaram para os amigos que eles poderiam utilizar o celular dos pais.

Por fim, entregamos o material educativo que preparamos: um quebra-cabeça com a obra “O Saci” de Walter Assis”. Dividimos as crianças em grupos, cada uma teria que montar o quebra-cabeça da obra (Figura 16). Esse momento foi de extrema descontração.

Figura 16: Atividade com o quebra-cabeça



Fonte: Das autoras

Considerações finais

A experiência com o estágio da Educação Infantil propiciou entendermos melhor o ambiente onde acontece o ensino e a aprendizagem, os desafios de observar os gestos, as falas, as insistências, os conhecimentos e as vivências que cada criança traz consigo, estar prontos e dispostos para lidar com esses imprevistos e explorar com criatividade as oportunidades que vão surgindo. Como esclarece Cunha (2018):

Para que a arte aconteça nas creches e pré-escolas, é preciso que se tenha em mente que o trabalho nesse campo ocorre em tempos outros, do impreciso, do não fixável, dos acasos, do que emerge de gestos e afetos e do que não se estabelece a priori (CUNHA, 2018, p.244-245).

A experiência no ambiente da escola foi muito positiva, pois as crianças foram muito espontâneas e receptivas. Consideramos que os professores do Grupo 4 foram atenciosos

conosco. Uma das coisas que mais apreciamos, foi o fato de recebermos orientações sobre como fazer perguntas às crianças, para que elas pudessem se envolver e ficassem interessadas.

O tempo de estágio é bem curto, mas a experiência de convívio que tivemos com o espaço educacional e a prática docente foram bem desafiadores, por não termos tanta vivência no meio infantil. Porém, ao mesmo tempo, conseguimos superar nossas dificuldades e desenvolver meios para o crescimento acadêmico.

Dentro dessa experiência, procuramos nortear nossa prática, inspiradas no primeiro documento orientador para a Educação Infantil: O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998), cuja orientação em relação às Artes Visuais é concebê-la como uma linguagem que

[...] tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos:

- Fazer artístico – centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
- Apreciação – percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;
- Reflexão – considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala de aula, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. (BRASIL, 1998, p. 89).

Foi enriquecedor experimentar essa prática, explorar o fazer artístico das crianças, observar por exemplo, no momento da apreciação, a percepção delas sobre sua própria produção e a dos outros. Também, a capacidade de construir o sentido do processo de criação, e, até mesmo, o processo de produção e apropriação do conhecimento sobre a vida e as obras do artista Walter Assis.

Como resultado desse trabalho destacamos, em especial, uma criança que se recusava a falar, e até mesmo a participar da Educação Física, mas que, durante as atividades de Arte não demonstrou resistência ou negação em realizá-las, demonstrando atenção ao desenhar, pintar e fotografar.

Da mesma forma, perceber a aprendizagem das crianças sobre as diferentes maneiras de registrar a imagem, por meio de desenhos, pinturas e fotografias, bem como as diversas possibilidades de utilizarmos os materiais, ferramentas e suportes, foi gratificante, pois elas se envolveram, participaram e demonstraram grande interesse por tudo o que era proposto.

Ao nos envolvermos nessa rede de aprendizagens, nesse “redemoinho provocado pelo Saci de Walter Assis”, onde giramos em torno dos desenhos, pinturas, fotografias e brincadeiras, fortalecemos nossa crença de que o ensino da Arte para e na Educação Infantil deve ser realizado a partir de diferentes possibilidades, com intencionalidade pedagógica e seriedade brincante.

Referências

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil - RCNEI** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Sandra Mara da. **Crianças fazendo arte: processo de criação artística e formação profissional docente para a Educação Infantil**. Jan/Jun 2018. Santa Catarina: POIÉSIS, 2018.

FERREIRA, Manuela. “Branco Demasiado” ou... reflexões epistemológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Org.) **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Acesso em: 12 maio.2019, às 17h.

GÓES, Margarete Sacht. **As marcas da cultura nos desenhos das crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2009.

MACÊDO, Érika Sabino de; FOERSTE, Gerda Margit Schütz; CHISTÉ, Priscila de Souza. **Na ciranda da arte capixaba: diálogos, brincadeiras e leitura de imagens**. Vitória, ES: FACITEC: GM Editora, 2008.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis**. 2005. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

PRETTO, Nelson de Lucca; PINTO, Claudio da Costa (Orgs). **Tecnologias e novas educações**. In: Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

SILVA, Elizangela Aparecida da; OLIVEIRA, Fernanda Rodrigues; SCARABELLI, Letícia; COSTA, Maria Lorena de Oliveira; OLIVEIRA, Sâmyla Barbosa. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. In: **Pedagogia em ação**. v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029>> Acesso em: 10 maio.2019, às 9h45min.

TOURINHO, Irene. Ver e ser visto na contemporaneidade As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? In: **Cultura visual e escola**. Salto para o futuro. Ano XXI Boletim 09-Agosto, 2011. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/festa-e-ludicidade/arte-educacao/imagem-identidade-e-escola.-martins-raimundo>> Acesso em: 12 maio.2019, às 16h45min.